

APRESENTAÇÃO

O “mapa mental” deste livro começou a ser elaborado no início dos anos 2000 durante um importante ponto de inflexão profissional. Acabara de me formar economista, começara a trajetória como docente do ensino superior e tive a primeira oportunidade consistente de analisar o pensamento econômico institucionalista, resgatado no último quartel do século XX na forma do Novo Institucionalismo Econômico. Passei a ter à minha disposição, enfim, um ferramental teórico passível de analisar a economia tal como existe no mundo real, diferente daquela sucessão de modelos abstratos e hipotéticos que tinham permeado minha graduação.

O meu interesse pelo Novo Institucionalismo Econômico recrudescer de tal forma que ficou impossível dissociá-lo do economista que me tornei. Como analisar uma atividade produtiva, um mercado, uma sociedade..., relegendando os aspectos institucionais que lhes são intrínsecos? Como reduzir aos cálculos maximizadores de funções-objetivos, relações humanas balizadas por instituições? Como desprezar o papel da matriz institucional no desempenho econômico, induzindo-o ou constringendo-o?

Ademais, identifiquei possibilidades de aplicação do Novo Institucionalismo Econômico à Região Sul da Bahia que, já numa percepção inicial, me parecia um caso típico de inconformidade entre instituições e economia, no sentido de que aquelas não induziam ao melhor desempenho desta. Mas era preciso uma investigação científica que viesse trazer luzes consistentes a esta questão muito relevante para mim, filho desta terra.

O livro se insere neste processo de questionamentos sobre a economia do sul da Bahia que tem marcado minha trajetória profissional, especialmente porque, paralelo às atividades como professor do Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc), prestei centenas de consultorias econômicas, especialmente a empresas localizadas nesta Região.

Em meus trabalhos profissionais, a economia deste lugar, historicamente identificado como “Região Cacaueira da Bahia”, não correspondia mais àquela depressiva do final dos anos 1980, resultante da crise do produto cacau que, então, monopolizava sua base produtiva. Os anos 2000 delinearão um novo cenário que inclui empresas em expansão, patrimônios sendo construídos e ampliados, atração de capitais migrados de outras regiões (inclusive de *players* nacionais)... E o mais importante: tudo isso à base de uma diversificação econômica baseada em atividades com valores mais agregados, em especial do setor terciário. O que sugere uma reconversão produtiva do setor primário (leia-se cacau) para o setor terciário.

Mas o suposto dinamismo contemporâneo da economia regional baseado no setor terciário não tem sido reconhecido pela imensa maioria. Como a criar “muros” entre si e a realidade, na perspectiva desta maioria (agentes econômicos, acadêmicos e políticos, dentre outros), a economia regional continua em depressão e dependente do cacau. Como não perceber o crescimento econômico? Como não identificar a diversidade produtiva atual? Até que ponto esta perspectiva enviesada tem sido conformada pelas instituições? Seria um caso de inconformidade entre instituições e economia? O ambiente institucional estaria gerando constrangimentos ao desempenho econômico?

Uma verificação inicial me sugeria que as organizações locais desconheciam os dados de evolução e composição do produto agregado regional. Supunham que a tábua de salvação ainda seria o cacau, supostamente, ainda, a base econômica regional, desprezando e considerando estereis outros vetores econômicos já consolidados na Região.

Enquanto isso, aos meus olhos, uma pujante economia terciária responde pelo produto agregado regional, sua renda e emprego, conformando uma nova elite regional e democratizando oportunidades que passavam ao largo da concentrada economia cacaueira em sua época áurea.

É neste debate que o presente livro imerge. Tenta contribuir para uma maior sinergia entre instituições e economia no sul da Bahia, respondendo àquelas minhas perguntas que eram seminais no início dos anos 2000 e que ganharam mais consistência ao longo do tempo. Dedicar-se a demonstrar como a visão errada da realidade econômica regional coloca em lados opostos velhas instituições e a nova economia. Busca desconstruir “muros”.

Elson Cedro Mira